# VOZES DE MULHERES DOURADENSES: UMA DISCUSSÃO SOBRE GENÊRO

**OLIVEIRA, Ana Carla de.**[1] (carlapaula29@gmail.com); **TEDESCHI, Antonio Losandro**[2] (losandrotedeschi@ufgd.edu.br).

[1]Discente do curso de História – Bacharelado da UFGD;
[2]Docente do curso de História da UFGD;

O presente trabalho tem o objetivo de socializar os resultados de uma pesquisa historiográfica sobre mulheres douradenses nascidas entre as décadas de 60 e 70. A discussão aqui proposta implica questões sobre gênero. A pesquisa sobre mulheres está inserida dentro da perspectiva da história do tempo presente e traz como objetivo analisar e problematizar a narrativa dessas mulheres dialogando com estudos pós- coloniais e com estudos sobre gênero. Para o desenvolvimento desta pesquisa realizamos em um primeiro momento um levantamento bibliográfico sobre o tema, utilizando trabalhos que tratam da temática da mulher como livros e outros estudos acadêmicos. Já num segundo momento iniciamos o levantamento das fontes. O tema em questão aproximou um diálogo entre literaturas pós-coloniais por meio das quais pudemos visualizar melhor as ações e relações das epistemologias no interior da análise das fontes oferecidas pela história oral (entrevistas). Metodologicamente a História Oral fomentou a realização de entrevistas e a posterior análise das narrativas recolhidas. Seis mulheres douradenses que nasceram entre as décadas já mencionadas compõe o quadro de entrevistadas. A análise das narrativas dessas mulheres nos permitiu compreender a complexidade e os conflitos existentes nas relações contemporâneas das quais elas fazem parte como agentes subalternizadas. A modernidade produz (re) produz invisibilidades visíveis e invisíveis e essas mulheres experienciam essa realidade. Percebemos que em suas narrativas a subjetividade ocupa uma centralidade e assuntos como infância, família, casamento, maternidade e trabalho aparecem como elementos estruturais na vida dessas mulheres. Compreendemos que as relações que essas mulheres estabelecem com o meio em que estão inseridas são de colonialidade, aspecto que compõe as relações sociais na contemporaneidade. Percebemos que essas mulheres ao falarem delas não se colocam na narrativa. Dessa forma a mulher aparece na narrativa delas como o “outro”, ou seja, falar de mulher é falar do outro e não de “si”. Historicamente excluídas, essas mulheres vivenciaram na década de 80 o processo de integração social devido à ampliação do sentido de cidadania. Das relações de exclusão passaram a fazer parte das relações de desigualdade. Na ampliação dos espaços de atuação feminina, elas ocupam a posição do subordinado. Todas as mulheres aqui referidas são protagonistas do trabalho doméstico informal. Compreendemos que elas vivenciam o que autores pós-coloniais denominam como sexismo das forças de trabalho. A elas está reservado o ambiente privado enquanto cabe aos homens ocupar e dinamizar os espaços públicos. Percebemos que elas organizam suas narrativas a partir do ambiente privado. Observamos que na medida em que o trabalho aparece na narrativa dessas mulheres como elemento de libertação a maternidade aparece como elemento de realização feminina. Concluímos que essas mulheres possuem historicidades próprias. Apresentam nomes e rostos próprios e significam o mundo de forma singular. Contudo, todas elas enfrentam o desafio atual de se afirmarem quanto existência individual e compartilham da condição de subalternidade. Suas narrativas evidenciam sensibilidades, e nos mostram a desvalorização do universo feminino e vulnerabilidade social da mulher.

P**alavras-chave:** Mulheres, Gênero, Pensamento Pós-Colonial.

**Agradecimentos:** Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Cientifico e Tecnológico (CNPq) pela concessão de bolsa de Iniciação Cientifica ao primeiro autor.